

Entrevista

Marilda Lopes Ginez de Lara

InCID: Poderia nos contar um pouco sobre quais foram os passos iniciais de sua trajetória no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, seus contatos iniciais com esses campos e como decidiu dedicar-se profissionalmente a eles?

Marilda Lara: Minha entrada no campo foi uma decisão pragmática. Eu já havia começado a fazer Ciências Sociais na USP em 1969, mas, como você pode imaginar, foi um período muito conturbado. O curso de Ciências Sociais tinha saído da Maria Antonia para os barracões na USP, eu havia acabado de passar um tempo *'in jail'* por questões políticas. Frequentei poucas aulas, desisti, voltei um tempo para o interior. Acabei fazendo vestibular para Biblioteconomia na Sociologia e Política, em 1971, na perspectiva de poder começar a trabalhar logo! De fato, foi isso que aconteceu. Minha estreia profissional na área foi como auxiliar de biblioteca na Escola Dominicana de Teologia, de onde tenho lembranças muito significativas! Foi o período da repressão no qual vários freis dominicanos foram presos e torturados! Depois disso, fui bibliotecária concursada no Instituto de Psicologia da USP, de onde saí para a Fundação SEADE e, em seguida, para a docência na ECA-USP.

Minha experiência profissional fez, certamente, muita diferença nas minhas escolhas acadêmicas.

InCID: Como se deu sua entrada na Academia e quais foram suas primeiras experiências? Poderia nos traçar um retrato do campo da Biblioteconomia naquele momento, quais as questões e autores que mobilizavam seus interesses? Quais colegas e mestres foram decisivos nesse início profissional?

Marilda Lara: Procurei a ECA/USP para fazer pós-graduação com um projeto de desenvolvimento de um tesouro concreto. Só fui aceita porque, ao falar sobre o projeto, mencionei uma reflexão que vinha fazendo sobre a impossibilidade de neutralidade em sistemas de classificação e tesouros e sobre as repercussões dessa condição. Meu conhecimento sobre o que era uma pós-graduação acadêmica era muito pequeno. Comecei a cursar as disciplinas e,

em agosto de 1986, colegas da ECA me sugeriram fazer o concurso para auxiliar de ensino. Prestei o concurso, fui aprovada e assumi disciplinas relacionadas à Representação Temática (Sistemas de Classificação). Muitos desafios e dificuldades para me dividir entre o trabalho na Fundação SEADE (Central de Dados e Referências, Serviço de Perguntas e Respostas) e a Universidade.

Acolhida por integrantes do então Grupo Temma – Johanna W. Smit, Maria de Fátima G. M. Tálamo, Nair Y. Kobashi, Regina Obata, Isabel Ferin Cunha - assisti aulas extremamente interessantes, participei de discussões que nem sempre consegui acompanhar, cursei uma disciplina ministrada pelo Prof. Jean-Claude Gardin, uma referência na área de Análise Documentária, estudei muito tentando acompanhar o grupo. À diferença dos dias atuais, assistíamos, todas, às aulas umas das outras, algo fundamental para minha formação docente e de pesquisa. As questões mais importantes com as quais me vi envolvida na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação eram as relacionadas à alteração das metodologias de tratamento da informação com a substituição de parâmetros do ‘bom senso’, por procedimentos oriundos da reflexão. Li muitos textos de Linguística, Teorias da Linguagem, Semiótica. Pude verificar a importância das contribuições de Saussure, de Hjelmslev, de Granger, de Benveniste, muitas vezes sistematizadas pelo brasileiro Edward Lopes para o entendimento da linguagem e da representação; de Peirce e de Eco, sobre a significação e a interpretação, etc. Já no Doutorado, me aventurei em direção a outras perspectivas da representação recorrendo a Rorty, a Boaventura Santos, comparando-as à visão linguística da representação para, enfim, falar da representação em Documentação. Essa busca de compreensão dos diferentes enfoques da representação permitiu discutir mais profundamente a linguagem nos sistemas de informação.

InCID: Como você se inseriu na área, que temas de pesquisa elegeu?

Marilda Lara: Como afirmei em meu último memorial, no campo da Ciência da Informação, na graduação e na pós-graduação, escolhi trabalhar com o que hoje tem sido denominado Organização do Conhecimento. Na docência, em particular, recupero princípios de organização canônicos – juntar por semelhança, separar pela diferença – ou recorro a outros critérios menos ortodoxos de agrupamento à maneira da ‘desclassificação’, sugerida por García Gutiérrez, com o intuito de refletir sobre como tratar memórias registradas e tornar mais fácil sua recuperação. Sejam essas memórias pessoais, coletivas, temáticas, científicas ou técnicas nos vários

domínios do saber e áreas de atividade, é inevitável: sobre todas elas realizamos exercícios de ‘agregar’ e ‘desagregar’, como disse uma vez Norval Baitello, e recorremos a critérios de ordenação – lógicos, linguístico-comunicacionais, terminológicos, pragmáticos.

Minhas preocupações com a representação da informação em sistemas informacionais não são recentes. Desde minhas primeiras incursões na área elas estavam presentes e, com a experiência profissional particularmente na Fundação SEADE, quando trabalhei com dados estatísticos, ela se tornou mais candente. Sempre me incomodou a forma da classificação tradicional. Apesar disso, considero difícil fugir à ordem aristotélica, ocidental, tal é a sua força. Ela nos contamina e impõe formas de categorizar e de classificar. Até nossas categorias mais particulares tendem a seguir o modelo. Nem sempre nos damos conta, mas nossos modelos de organização são ‘dominados’ pelos modelos da lógica tradicional na Informática!!! Ao mesmo tempo – e ainda bem – é possível lançar mão de critérios de uma lógica não essencialista e não-excludente para fazer associações mais livres e ligações horizontais. Há espaço para provocações, impertinência, irreverência e transgressão. Mas realizar outros gêneros de associação e sugerir categorias inusitadas implica enfrentar problemas: minhas referências de categorização podem não ser as do outro. Como afirmou Peirce, a significação depende, também da experiência colateral, ou da pré-compreensão, conforme querem Capurro e Luhmann. Como garantir ‘vínculos de adesão’ com meus públicos?

Assim, quer na docência ou na pesquisa, para mim intimamente relacionadas, as questões de Organização do Conhecimento têm sido o foco de trabalho. Persigo referências para a construção de linguagens documentárias ou vocabulários de natureza lógico-semântica e pragmática a partir de contribuições dos estudos da linguagem, da terminologia, da pragmática, das referências socioculturais, aspectos esses que têm marcado meus projetos desenvolvidos com auxílio do CNPq.

InCID: A Ciência da Informação e a Biblioteconomia consolidam-se contemporaneamente como campos acadêmicos, e o mundo profissional se diversifica cada vez mais nessas áreas. O que você pensa a respeito dessa cena contemporânea, quais aspectos chamam-lhe mais a atenção?

Marilda Lara: Considero bastante imprópria e, de certo modo, pretenciosa, a denominação Ciência da Informação, mas vejo como importante usar uma denominação que identifique a

área no país e fora dele, que permita reunir profissionais, pesquisadores, cursos de graduação e pós-graduação com preocupações semelhantes. É fundamental garantir um espaço razoavelmente comum em que princípios, instrumentos e práticas documentárias sejam discutidos enquanto meios necessários à organização, acesso e uso social da informação. Vejo a Biblioteconomia e, em especial, a Documentação, como muito relacionadas e praticamente constituintes do que denominamos, hoje, Ciência da Informação. O que as separa? Não há consenso: há nas tentativas de diferenciação para além das diferenças de origem dos termos nas tradições estadunidense e europeia, ênfases nos graus de dedicação às atividades práticas ou teóricas, à ligação a áreas especializadas, à função de recuperação, ao uso das tecnologias etc. Melhor seria, talvez, afirmar o que as une: a organização dos documentos e da informação, as preocupações com a mediação entre linguagens, a promoção do acesso. Esse conjunto de atividades pressupõe a reflexão sobre quem são os públicos, como garantir que os sistemas informacionais sejam aderentes a esses públicos, qual o papel e o significado social da informação etc.

Mais recentemente, a Documentação conhece certo renascimento com a discussão da noção de documento, discussão essa que tem sido muito produtiva para por em relevo o fato de que o documento não tem uma informação em si, mas que ele é ‘significado’ segundo diferentes propósitos e condições socioculturais. Na cena contemporânea, os profissionais da área são chamados a desempenhar, também, funções que demandam o uso de tecnologias, e seu desempenho é tão mais significativo o quanto mais sua formação tenha sido assentada em conceitos, metodologias de trabalho, espírito crítico, e não apenas relacionada ao desenvolvimento de habilidades com instrumentos já existentes. Necessário dizer que o desenvolvimento tecnológico implicou não apenas a sofisticação de instrumentos, mas alterações nas relações de trabalho, na exposição às mídias, nas formas de produção, mediação e distribuição da informação, outras variáveis com as quais o profissional da informação tem de lidar.

InCID: Como você avalia o espaço que às questões tanto a organização bem como a mediação da informação ocupam no cenário da Biblioteconomia e da Ciência da Informação contemporâneas? Você acha que a Academia (e em particular a CI) já incorporou a diversidade das expressões culturais como objeto digno de reflexão, ou ainda há territórios a se explorar nessa relação?

Marilda Lara: Tanto a organização, como a mediação da informação são centrais nos cenários da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Em tempos de mídias digitais, a mediação, por exemplo, se faz prioritariamente via linguagem e via produtos informacionais. Fica muito evidente, nos dias de hoje, que organização e mediação não se separam. Isso não exclui, é claro, a importância da mediação presencial entre os profissionais da informação e seus públicos. Mas falo da necessária criação de produtos informacionais que conjugam a linguagem dos documentos originais e a linguagem dos leitores, usuários. Para o bem e para o mal, a mediação homem-homem é substituída pela mediação homem-máquina, máquina-máquina. Por essa razão são tão importantes, simultaneamente, as referências da produção e as referências da recepção de modo a garantir que as linguagens de organização da informação sejam providas de vínculos de significação, ou seja, que as relações de acesso aos sistemas informacionais sejam amplas, que contem com recursos de equivalência entre expressões de linguagem ou de busca para garantir o acesso; ou que os sistemas computacionais sejam efetivamente interoperáveis, consigam conversar não apenas à base de coincidência de caracteres, mas de proximidade semântica entre termos. Se a mediação se realiza via linguagem, indispensável considerar não apenas a informação a ser tratada, mas os públicos mesmos dessas informações.

Sobre a diversidade, creio que a academia já incorporou o discurso sobre a importância de considerá-la, mas nem sempre na profundidade necessária para realizar alterações profundas nos seus procedimentos. No que tange à Organização do Conhecimento, campo em que consigo me movimentar um pouco mais, há inúmeros trabalhos que questionam parâmetros assentados nas verdades hegemônicas, na crença nas essências, na lógica auto-excludente. O investimento na discussão desses princípios e a busca de alternativas reforçam, ainda mais, a ligação entre o estabelecimento de critérios e categorias de análise e agrupamento das informações às referências sociais, econômicas e culturais. A diversidade é muito ampla: como diria Canclini, ela se manifesta como desigualdade, diferença, desconectividade. São muitos os aspectos a serem considerados nesse enfrentamento. No entanto, a retórica discursiva não necessariamente é acompanhada de alterações nas práticas documentárias.

InCID: Como você vê o desenvolvimento conceitual do campo no Brasil perante as realidades Europeias e Norte-Americanas? Qual papel podem ter as associações e as entidades de classe na inserção brasileira dentro do panorama internacional?

Marilda Lara: Difícil responder à questão porque o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação é muito amplo. Vou me limitar a falar sobre meus temas de pesquisa, com algumas incursões nos temas relacionados.

É inegável o papel da ISKO – International Society of Knowledge Organization em nível internacional, como é importante a atuação de seu capítulo brasileiro, como também da ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, por meio do seu GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento do ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. (Não vou discorrer aqui sobre a autonomia da KO-Knowledge Organization enquanto campo, defendida por boa parte dos integrantes da ISKO, pois isso demandaria uma outra longa discussão). Essas associações conferiram maior destaque ao tema da Organização do Conhecimento, não só colocando em contato pesquisadores, como permitindo, via eventos, dar publicidade aos temas específicos de pesquisa.

Some-se a isso, o fato de que a facilitação do acesso às revistas estrangeiras proporcionado pela CAPES e/ou pelas Universidades brasileiras, deu visibilidade a uma produção que antes circulava em âmbito reduzido. Sobre este último aspecto é importante referir uma exceção: a revista *Knowledge Organization* tem acesso restrito aos membros da ISKO Internacional, o que é bastante complicado!

Os eventos, mais as publicações, deram um impulso fundamental à divulgação das tendências de pesquisa, ao mesmo tempo que influenciaram sobremaneira o vocabulário, as frentes de investigação, temas e bibliografias utilizadas no país. Inversamente, embora não na mesma medida, a produção brasileira, se em inglês, vem gradativamente ganhando maior visibilidade.

Considero que a maior influência estrangeira no campo da Organização do Conhecimento foi exatamente a terminologia que permite reunir atividades antes pulverizadas: Representação Temática, Tratamento Temático da Informação, Análise documentária, Indexação, são variações correspondentes a correntes teóricas diferentes ou a escolhas pragmáticas, mas têm se optado por agrupá-las, atualmente, sob expressões como Organização e Representação do Conhecimento (ANCIB), Organização da Informação e do Conhecimento (linha de pesquisa do PPGCI-ECA-USP), ou, simplesmente, Organização do Conhecimento.

InCID: Qual a sua perspectiva em relação à presença cada vez maior da tecnologia não só em sua área de atuação, como também, cada vez mais, no cotidiano das pessoas?

Marilda Lara: As tecnologias são presença constante em nossas vidas e, do ponto de vista da Ciência da Informação, não há como não utilizá-las. Mas temos de fazê-lo com consciência sobre seus efeitos, e sobre a forma como condicionam nossas perspectivas. Além disso, temos de ser críticos relativamente às invasões de privacidade decorrentes de seu uso, bem como às consequências danosas da exposição a que estamos cada vez mais submetidos.

As tecnologias nos transformam. As mídias digitais, por exemplo, têm efeito sobre o modo como aprendemos e sobre a forma como nos comunicamos com outras pessoas. As mídias digitais alteram o modo como nos ligamos simultaneamente a diferentes comunidades de discurso, como aprendemos e onde aprendemos além e fora do universo familiar e escolar.

A maioria das discussões em Organização do Conhecimento na ótica da incorporação das tecnologias se dirige, hoje, à web semântica. Ela compreende as preocupações em fornecer recomendações para registrar e descrever os documentos de modo a que eles possam ser indexados e recuperados por seu conteúdo semântico, contrariamente ao que ocorre na web do *html* em que esse processo é realizado a partir da coincidência de caracteres. A partir da abertura do acesso aos dados e de tratamentos específicos a eles conferidos, persegue-se a interoperabilidade semântica, uma condição para ligar conteúdos próximos, não necessariamente indexados sob o mesmo parâmetro, linguagem documentária ou, genericamente, sistema de organização do conhecimento.

Outra linha de pesquisa se relaciona à proposta de modelização *a priori* via reescrita sumarizada (ou um novo modo de escrita) de textos ou construções técnico-científicas com recursos de inúmeras mídias. As modelizações podem conjugar o uso de som, imagem, paráfrases condensadas tentando oferecer versões enxutas dos dados ou meios para acessar mais rapidamente diretamente os próprios dados de forma a fazer frente à sobrecarga informacional, tal como propuseram inicialmente Gardin e, em seguida, Chaudiron. Busca-se, com isto, de um lado, repensar as formas tradicionais de escrita científica; de outro, economia de tempo via oferecimento de produtos sumarizados. Chaudiron vê o trabalho desse gênero na linha das operações documentárias de desestruturação e estruturação. Pode-se afirmar que as pesquisas nessa linha se identificam, hoje, com as desenvolvidas pelas Humanidades Digitais, termo guarda-chuva para falar das inúmeras experiências desenvolvidas nas Ciências Humanas quando se integram recursos computacionais.

InCID: Quais são seus planos em relação à Academia? O que você gostaria de ver acontecer na universidade brasileira? Qual o seu conselho para os jovens pesquisadores que enveredam pela carreira acadêmica hoje?

Marilda Lara: Meus planos em relação à Academia compreendem dar continuidade à pesquisa que venho desenvolvendo, sistematizar muita coisa que ficou pelo caminho, dar aulas na graduação e na pós-graduação e orientar meus alunos de Mestrado Profissional e Doutorado. Nesta fase da vida acadêmica, é em classe e junto aos alunos que me sinto bem.

Complicado dizer, mas já não sinto muita esperança na Universidade a continuar o que hoje vivenciamos: a política se sobrepondo aos interesses acadêmicos. Escorreram por entre os dedos as propostas de alterar o modo de ensino congregando professores e alunos em torno de um ‘projeto’ correspondente ao período da graduação. Uma ‘graduação por projetos’, foi originalmente proposta que congregou professores do quilate de Maria de Fátima G. M. Tálamo, Johanna W. Smit, Nair Y. Kobashi. Ao invés de um curso com disciplinas convencionais, um curso de graduação em Biblioteconomia que substituísse o oferecimento de disciplinas fechadas, com pouca ou nenhuma articulação entre si (o que é bastante problemático para os alunos em termos de aprendizagem), por uma organização departamental, ou melhor ainda, interdepartamental, na qual conteúdos fossem distribuídos em categorias mais flexíveis (por exemplo, linguagens, gestão, divulgação, tecnologias) definidos em função da execução de um projeto de quatro anos de duração, cujo tema fosse renovável a cada período. Mas a proposta não vingou, porque sua execução envolve ‘pessoas’, nem todas dispostas a sair de seus mundos e assumir as responsabilidades e as tarefas de uma experiência coletiva.

Conselhos? Difícil. Mas é importante ler, estudar, consultar, conhecer experiências tradicionais e inovadoras, comparar, refletir, viajar! No que tange à Biblioteconomia e Ciência da Informação, procurar discutir muito sobre a identidade e as funções da área, bem como suas relações com outras áreas. Que perspectivas sobre os documentos e sobre a informação constituem objeto de nossas reflexões? Que diferentes influências exercem os diferentes contextos onde se desenvolvem as ações de informação? Não é uma tarefa fácil, pois ‘informação’ pode assumir todos e nenhum significado. É o contexto que lhe confere sentido. Todas as áreas, de algum modo, trabalham com a informação. No contexto da Ciência da Informação e das práticas documentárias não é possível confundir o conceito de informação com notícia, por exemplo. Disso depende a sobrevivência dos cursos voltados prioritariamente

à organização, mediação, gestão e disseminação da informação nos contextos econonômicos, tecnológicos e socioculturais atuais.

Entrevista enviada em: 10 ago. 2017.